

## PORT ROYAL – O MEIO CIRCULANTE DE UMA COLÔNIA INGLESA NO SÉCULO XVII

Luís Augusto Vicente Galante<sup>1</sup>

**Resumo:** Após sua “redescoberta” no século XX, a cidade de Port Royal, destruída por um terremoto em 1692, tem sido meticulosamente estudada. A apreciação do que foi seu meio circulante, através da leitura de seus inventários, fornece aspectos interessantes do cotidiano e da economia daquela que foi a maior cidade colonial inglesa na América.

**Palavras Chave:** Moedas, circulação monetária, século XVII, Caribe.

**Abstract:** After its "rediscovery" in the twentieth century, the city of Port Royal, destroyed by an earthquake in 1692, has been thoroughly studied. The assessment of the its monetary circulation through the reading of their inventories, provides interesting aspects of daily life and economy of what was the largest city in British colonial America.

Em uma língua de terra voltada para oeste, no sul da ilha caribenha da Jamaica estava situada a Cidade de Port Royal. A Jamaica era então uma colônia inglesa e Port Royal, em fins do século XVII era a maior e a mais próspera cidade colonial inglesa nas Américas, superando mesmo Boston e Nova Iorque nos atuais Estados Unidos. Para se ter um termo de comparação, enquanto Boston contava em 1690 com uma população de seis mil almas. Port Royal contava em 1692 com algo entre 6.500 e 10.000 mil habitantes.<sup>2</sup>

A cidade estava cercada de mar por três lados. E o mar era importantíssimo para aquele lugar e para o povo que habitava aquela cidade. Boa parte das atividades econômicas ali atuava em função do mar e, por fim, o mar iria desempenhar um grande papel na catástrofe que iria abater a cidade e, suprema ironia, na sua posterior preservação.

Assim, até sua repentina destruição, Port Royal aparecia brilhante e com um bom futuro. Com uma população de mais de seis mil habitantes, Port Royal não padecia do marasmo que afetava outras cidades da América inglesa.

Se a destruição da cidade se deu a um acontecimento fortuito, sua fundação também foi devida a acasos. Em dezembro de 1654 aquele curioso personagem que governava a Inglaterra depois de ter deposto e decapitado o próprio rei, o Lorde Protetor Oliver Comwell, decidiu levar a guerra contra a Espanha para as terras americanas. Uma expedição foi armada para atacar a Ilha de Hispaniola (a atual ilha que compreende o Haiti e a República Dominicana). Os espanhóis, todavia, foram avisados antes e a tentativa britânica terminou em

---

<sup>1</sup> Funcionário Público e Doutorando em História pela Universidade de Brasília.

<sup>2</sup> Disponível em <http://nautarch.tamu.edu/portroyal/PRhist.htm>; Acesso em 8/8/2006.

desastre. Temendo voltar à pátria de mãos abanando, o chefe da expedição decidiu atacar a Jamaica que era uma colônia espanhola bastante periférica. Segundo Fraser (Fraser, 2000: 521) em sua biografia de Cromwell:

*Assim, a ilha de Jamaica, a algumas centenas de quilômetros a oeste de Hispaniola, tornou-se o novo alvo do Plano Ocidental. Grande, bela e fértil, estava protegida por uma pequena guarnição; a população, incluindo os índios aruaque que ainda restavam, alguns portugueses e escravos africanos importados, não chegava a 2.500 almas. Como objetivo de conquista ou espaço destinado à colonização, a Jamaica aparentava ser uma presa fácil. De fato o assalto foi bem-sucedido: os ingleses desembarcaram no dia 10 de maio e no dia 17 o governador capitulou – a povoação mais importante de Villa de Veja caiu em poder dos invasores.*

No lugar da futura cidade foi construído um forte, batizado como Fort Cromwell, em honra ao governante da Inglaterra. Em volta cresceu uma pequena vila chamada The Point. Com a restauração da monarquia na Inglaterra The Point foi rebatizada como Port Royal (para desaforar os republicanos) e Fort Cromwell passou a se chamar Fort Charles em honra ao novo Rei Charles II.

Port Royal foi seguindo uma espécie de vocação para se tornar o principal centro inglês nas Américas naquele século. Entre 1655 e 1692 Port Royal foi a cidade colonial inglesa que mais cresceu.<sup>3</sup> Em 1688, por exemplo, 218 navios atracaram em seu porto, contra 226 que atracaram em todos os portos da Nova Inglaterra inteira. Quando de sua destruição a cidade contava entre seus cidadãos quatro joalheiros e quarenta e quatro taverneiros. A cidade possuía 2.000 edifícios densamente agrupados em uma área de 51 acres. Muitos eram feitos de tijolo, que era considerado um sinal de riqueza, e alguns possuíam até quatro andares.<sup>4</sup>

Na época em que esteve mais voltada para a pirataria, basicamente durante a década de 1660, Port Royal possuía um bar ou taverna para cada dez habitantes.<sup>5</sup> Em 1661, apenas, quarenta novas licenças para a criação de tavernas foram concedidas.

Port Royal era bastante diferente das pacatas cidades voltadas para a agricultura que existiam na Virgínia ou Maryland. Também ali não existia o rígido puritanismo e o culto ao trabalho típico da Nova Inglaterra. O principal motivo daquele grande crescimento era uma peculiar pirataria, ou mais exatamente, a atividade exercida pelos bucaneiros. De fato, o local possuía diversas vantagens. A Jamaica ficava perto da rota que os galeões faziam entre o

<sup>3</sup> Disponível em <http://nautarch.tamu.edu/portroyal/PRhist.htm>; Acesso em 8/8/2006.

<sup>4</sup> *Idem.*

<sup>5</sup> Disponível em [http://en.Wikipedia.org/wiki/Port\\_Royal](http://en.Wikipedia.org/wiki/Port_Royal); Acesso em 25/6/2007.

Panamá e a Espanha. Os grandes portos da “*tierra firme*” espanhola ficavam suficientemente perto para poderem ser atacados.<sup>6</sup> Seu porto profundo e largo permitia que ali se acomodassem um grande número de navios e que ali fossem carenados e reparados.

A cidade, portanto, tornou-se um centro de predadores marítimos e foi estimado que metade de sua população em 1689 estivesse envolvida em algum tipo de pirataria.<sup>7</sup> Durante seu período áureo as moedas trazidas pelos bucaneiros eram ali despejadas em grande quantidade. O dinheiro das colônias espanholas se tornou um dos principais artigos de exportação da Jamaica junto com escravos, melão e açúcar (Tindall, 1989: 53). Por causa das moedas de ouro e prata, o Caribe se tornou o centro de uma rede de trocas que chegava às colônias inglesas na América do Norte. Ali piratas e bucaneiros do Caribe eram muito bem recebidos, desde que trouxessem moedas para gastar. Naqueles dias, piratas podiam freqüentar a casa de comerciantes respeitáveis e mesmo de governadores de sua Majestade (Reich, 1998: 161). Charles Leslie em sua história da Jamaica descreveu as lendárias badernas dos marinheiros na cidade:

*Vinho e mulheres sugavam sua riqueza em uma tal medida que...alguns deles ficavam reduzidos a mendigar. Eles se tornaram conhecidos por gastarem duas ou três mil peças de oito em uma noite; e um deles deu a uma prostituta quinhentas para vê-la nua. Eles costumavam comprar um barril de vinho, colocavam-no na rua e obrigavam qualquer um que passasse a beber.*<sup>8</sup>

O cultivo e exportação de açúcar e tráfico de escravos possuíam uma importância secundária, mas que crescia com o tempo. Na verdade a época áurea da pirataria em Port Royal escapa ao foco deste trabalho. As atividades dos predadores navais de Port Royal teve seu auge na década de 1660 até o início da década seguinte. Com o tempo os estímulos às atividades paramilitares no Caribe diminuíram. À nova classe de comerciantes estabelecidos na cidade, não agradava nem a presença, nem a má reputação que salteadores traziam ao local. De outro lado, as defesas espanholas se tornaram mais eficazes. Nossa averiguação dos inventários jamaicanos começa na década de 1670 e se prolonga até a de 1690, portanto, se concentrando em uma época em que Port Royal tinha uma existência um tanto mais pacífica e não tão militarizada. (Zahedieh, 1986: 571). Sua população tinha bem pouco a ver

---

<sup>6</sup> A riqueza espanhola deve ter deixado sua marca na cultura britânica. A denominação comum de baú nesse século, e que ocorre frequentemente nos inventários, é *spanish chest*.

<sup>7</sup> Parece-me pouco factível que Port Royal apresentasse uma população de 50% de piratas em uma data avançada. Pode ter havido uma confusão com a força de trabalho envolvida direta ou indiretamente com contrabando. <sup>7</sup> Disponível em [http://en.Wikipedia.org/wiki/Port\\_Royal](http://en.Wikipedia.org/wiki/Port_Royal); Acesso em 25/6/2007.

<sup>8</sup> *Idem*

com a população jamaicana dos dias atuais com sua enorme porcentagem de negros e sua cultura caracteristicamente caribenha. Era então uma cidade inglesa, seja no estilo de suas construções e casas em estilo Tudor, seja em sua população majoritariamente branca, de origem européia. Coisa curiosa, Port Royal possuía uma comunidade judaica de origem ibérica. Nos inventários, aqui e ali, surgem sobrenomes portugueses. E um único testamento estava escrito em... português! Poderiam judeus expulsos do Brasil, ou descendentes seus, terem ido parar em Port Royal? Na verdade isso ocorreu. Mas isso não implica que ali houvesse moedas portuguesas, pelo menos não em quantidades apreciáveis. Moedas luso-brasileiras só surgiriam em grandes quantidades no Caribe na segunda metade do século seguinte, quando o ouro brasileiro se espalharia pelo mundo.

A força do sismo foi impressionante, devastadora. Segundo um testemunho da época: “*A terra se levantava e ondulava como uma vela de navio*” (Link, 1960: 152). Após o terremoto, um macaréu gigantesco se abateu sobre a cidade, tal como ocorreria em Lisboa cinquenta anos depois. Uma outra testemunha recordou: “*Diversos navios e chalupas viravam sobre o costado e naufragavam no porto. A Fragata Cisne pairou sobre os telhados das casas. Ela não naufragou e ajudou a salvar centenas de vidas*” (quando as pessoas nadavam até ela).<sup>9</sup> Calcula-se que morreram umas duas mil pessoas durante o terremoto, isso sem contar as que morreram depois, vítimas de ferimentos ou água contaminada.

No antigo cemitério da Igreja de Saint Peter, há uma enorme lápide de pedra datada de 1735. É um monumento medonho, com um crânio com duas tíbias cruzadas. O estilo da lápide é pesado, de um estilo mais seiscentista do que do século XVIII. Nela está escrita a história de Lewis Galdy, falecido naquele ano com oitenta anos de idade. Lewis era francês (naturalmente seu nome seria originalmente grafado como Louis). Calvinista, Lewis teve de abandonar seu país e se estabeleceu em Port Royal. Ele estava na cidade quando do cataclisma. Na lápide está escrito que Lewis foi arrastado para o mar, mas nadando conseguiu se salvar. Sua história foi preservada na velha lápide, mas a maior parte morreu anonimamente.

Escolhi os inventários jamaicanos ao acaso. Escolhi os que parecessem apenas típicos ou que tivessem alguma característica específica especial ou particularmente reveladora do que pudesse ser a circulação seiscentista e a que conclusão poderíamos chegar em seu exame. Olhando os inventários de Port Royal temos, como em São Paulo, uma visão, uma janela do que era aquele mundo. Se a riqueza na cidade portuária não é a de Versalhes ou de

---

<sup>9</sup> *Idem.*

Westminster, podemos ter certeza de que ela existe. Uma das primeiras coisas que salta aos olhos é que estamos nos debruçando sobre uma sociedade náutica. Ali todas as pessoas viviam próximas ao mar e, em boa medida, o mar regulava suas vidas. Pesca, transporte de escravos e bens, e notícias frescas da Europa (com um mês de atraso) e da América do Norte (com algumas semanas somente). O mar imperava. E os inventários nos dão testemunho disso. Âncoras, moitões, mapas náuticos, madeiras para construção naval surgem aqui e ali nos inventários. Em dois deles surgem propriedades retiradas ao mar. Em um caso um escravo que estava à deriva, agarrado em um pedaço de madeira (!), no outro um cachecol desbotado.

O século XVII, bem como o seguinte, foi a época gloriosa do Caribe, com boa parte da riqueza do mundo ali concentrada. Moedas bolivianas, peruanas e mexicanas; porcelana chinesa e tecidos turcos; roupas espanholas; definitivamente os inventários caribenhos são mais impressionantes que os paulistas. À nossa vista está uma sociedade predadora que começava a se voltar para a agricultura de exportação tipo *plantation*. E a ponte esses dois meios de vida foi feita através do comércio e do contrabando.

Os investimentos também eram muitíssimo mais variados, para os padrões seiscentistas. Era freqüente os habitantes da cidade possuírem cotas de embarcações. Nuala Zahedieh observou a importância que o comércio ilegal praticado com as colônias espanholas tinha para a cidade. Também era relativamente comum os habitantes de Port Royal terem dívidas e contas a cobrar tanto na Inglaterra quanto na Nova Inglaterra.<sup>10</sup>

A quantidade de dinheiro variava enormemente de inventário para inventário e não pude estabelecer um padrão estritamente exato para moedas acumuladas na Jamaica seiscentista. Obviamente, há uma tendência das pessoas mais ricas possuírem mais moedas, mas essa tendência não pode jamais ser considerada uma regra. No inventário mais rico, o do judeu Isaac Gonzalez de Lossa (que certamente seria de origem ibérica) que monta em mais de nove mil libras, foram encontrados duas mil e quatrocentas libras em moedas guardadas em sacos. Ou seja, 27% do valor total dos bens eram em moedas. Por outro lado, no segundo inventário mais polpudo, o de Sir Henry Morgan, cujo montante era de 5.200 libras não foram encontradas moedas nas diversas propriedades do falecido.<sup>11</sup> Não existem regras para o acúmulo monetário e a presença de moedas nos inventários parece se dever tanto à atividade da pessoa quanto ao acaso.

---

<sup>10</sup> Nova Inglaterra é a porção nordeste do atual território dos Estados Unidos, onde começou efetivamente a colonização inglesa. Durante todo período colonial, as relações entre o Caribe e a Nova Inglaterra foram muito intensas.

<sup>11</sup> Para se ter uma idéia, o inventário médio do período costuma orçar em torno de 300 libras ou menos.

Os inventários anglo-jamaicanos são bem mais objetivos que os luso-brasileiros e, portanto, mais fáceis de se trabalhar. Os testamentos (wills, no original em inglês) seguem o mesmo procedimento de extrema clareza e objetividade. Contudo, acredito que mesmo eles não podem ser considerados uma chave decisiva para se entender as peculiaridades da circulação monetária na Port Royal de fins do século XVII. Para começar, há a questão da escrita, já mencionada antes. As peças são mencionadas segundo a gíria seiscentista. Assim as moedas podem ser nomeadas de várias maneiras e às vezes podem passar despercebidas. Por exemplo, há um inventário no qual um conjunto de moedas é designado como potosys. O escriba inglês da década de 1830 que trabalhava no inventário não entendeu a palavra e colocou um ponto de interrogação ao lado dela.<sup>12</sup> Às vezes, moedas espanholas são denominadas “pillar money”, em função das colunas de Hércules gravadas nelas (Amandry, 2001: 452).

Os inventários muitas vezes mencionam as moedas, mas não indicam sua procedência. Os que fazem distinção entre moedas inglesas e espanholas são uma minoria. Como moedas espanholas eram largamente usadas nas colônias inglesas, os escribas não deviam ver motivos para discriminá-las.

Uma outra questão não abordada pelos inventários é a origem das moedas. Elas apenas surgem quando da morte da pessoa. As peças espanholas deveriam ser obtidas através do comércio com o continente e com as colônias insulares espanholas, mas não conhecemos os detalhes. O trâmite das moedas por entre a população da ilha também não é esclarecido. Ou seja, muitas informações são obtidas de outras fontes. Ainda assim eles, juntamente com os testamentos são uma fonte inestimável de informações sobre a população e suas moedas.

No total, pude ler cento e quarenta e um inventários da Port Royal seiscentista. Sete são da década de 1670, Setenta e dois da década de 1680 e sessenta e dois do decênio posterior a 1690. Dos inventários da década de 1670 quatro não mencionam dinheiro. Três mencionam moedas mas não definem a origem. O último menciona moedas de origem espanhola e inglesa. O conjunto da década de 1680 apresenta 36 inventários que não mencionam moedas. 22 tratam de moedas sem especificar a origem, sete apresentam conjuntos mistos de moedas espanholas e inglesas, dois mencionam exclusivamente moedas espanholas e os outros cinco tratam de moedas não espanholas (quatro com moedas inglesas e um único, curioso, já mencionado, que apresentava moedas francesas de ouro). O último

---

<sup>12</sup> Os inventários foram copiados na década de 1830 para se manterem os registros, uma vez que os originais estavam se deteriorando. Entre a época do escriba e a elaboração do inventário, o significado da palavra se perdeu. O Cerro Rico de Potosi era o lugar de cunhagem da maior parte das moedas de prata nas colônias espanholas.

conjunto traz 38 inventários que não mencionam moedas. 22 mencionam moedas sem definir a origem. Dois mencionam moedas inglesas e espanholas, separadamente.

A se comparar a proporção de inventários que fazem menção de moedas contra os que não fazem, parece que o uso de moedas pode ter se restringido no tempo. Contra uma porcentagem de 50% na década de 1670 e que se mantém igual na década seguinte, a porcentagem de inventários com moedas cai para 38% na década de 1690. O que talvez se explique pela diminuição dos ataques contra os espanhóis que ocorre pelo final do século.

Na década de 70 houve apenas um testamento que discriminou a quantidade de moedas inglesas e espanholas. Na década de 90 um inventário define as moedas como inglesas e outro como espanholas. A década de 80, por outro lado, apresentou uma definição bem mais abrangente nos inventários. Do conjunto de 72 inventários daquela década, dois definem as moedas dos proprietários como espanholas, cinco o fazem como inglesas e em sete o conjunto de moedas é misto, apresentando peças inglesas e espanholas.<sup>13</sup>

Depois desta introdução, podemos nos dedicar aos inventários e testamentos propriamente ditos. O primeiro pertence a Daniell Hephy.<sup>14</sup> Falecido em 1693, Daniell era bastante pobre. Seus bens totalizavam somente 127 libras. Na relação dos bens por ele deixados constam 44 peles de bezerro (trabalharia em um curtume?), 47,5 onças de prata em diversos objetos, um quarto de onça de ouro (o objeto não é especificado), 2 pares de luvas e pouca coisa mais. O inventário é preciso quando registra que nos poucos bens Daniell possuía duas libras e dezessete shillings em moedas, espanholas, como frisa o documento. Uma quantidade apreciável para um montante tão pequeno.

O segundo inventário pertencia a Charles Cresso, morto em 1688.<sup>15</sup> A sua profissão é designada como *vintner* (não pudemos descobrir o que significa, mas em função da quantidade de cortiça, barris de vinho e garrafas vazias encontradas em sua casa, acreditamos que Cresso comerciava vinhos).<sup>16</sup> Este é um inventário mais opulento e a soma total de bens monta a 274 libras. Nos diversos cômodos de sua casa havia muitos móveis. Em um dos quartos havia quantidade considerável de roupas. Cresso tinha três escravos, Nero, Caesar e

---

<sup>13</sup> Apesar dos inventários da década de 1680 se referirem um pouco mais às moedas inglesas, estas estavam em franca minoria durante o século XVII. Talvez, devido ao seu grande número, os inventariantes nem as mencionassem acreditando que apenas na menção às moedas ficasse subentendido que as moedas eram procedentes das colônias espanholas. Quando os inventariantes se dão ao trabalho de definir o montante do valor, é frequente as peças espanholas serem em maior número. Joe Cribb. *The Coin Atlas*. London: MacDonald Illustrated, 1990. P. 277

<sup>14</sup> Disponível em <http://nautarch.tamu.edu/portroyal/archives/Inventories/Vol3/3-446.htm>

<sup>15</sup> Disponível em <http://nautarch.tamu.edu/portroyal/archives/Inventories/Vol3/3-217.htm>

<sup>16</sup> *Idem*.

Dafne.<sup>17</sup> Diversos quadros de tamanho variado foram encontrados. Cresso possuía também diversos objetos de prata, entre os quais um ferro de marcar escravos. Era um homem relativamente abonado. Quanto ao dinheiro em espécie, após seu falecimento, ocorrido em 28 de junho, foram recebidas 88 libras em pagamento dado a vinho de sua propriedade. Em uma pequena caixa em sua casa foram descobertos 2.5 luíses de ouro.<sup>18</sup> Uma raridade, pois sabemos que a maioria esmagadora das medas encontradas na Jamaica seiscentista era de origem inglesa e, mais ainda, de origem colonial espanhola.

Cresso é um sobrenome francês. Sabemos da presença de franceses na Jamaica colonial. O fato de Cresso ser comerciante de vinhos, produto exportado pela França, e a presença dos Luíses de ouro indicam fortemente que ele seria de nacionalidade francesa. No caso, os Luíses teriam chegado até ele de seus negócios com seu país de origem.

Havia ainda 13 libras em moedas cunhadas. Talvez a grande quantidade de moedas que Cresso possuía, mais de cem libras, ou seja, quase metade de seu patrimônio, fosse devido ao fato de ser comerciante. Era freqüente os comerciantes aparecerem com mais dinheiro amoedado em função dos pagamentos que faziam e recebiam. Se bem que em outros inventários de comerciantes a quantidade de metal cunhado raramente é comparável.

O inventário seguinte é o do notável Henry Morgan. Bucaneiro, funcionário público e senhor de engenho, Henry Morgan foi o senhor da Jamaica. Fizeram-se filmes aonde ele foi personagem, seu nome figura numa em uma marca de rum jamaicano e o Governo da Jamaica cunhou uma moeda comemorativa em honra a ele (Schön, 1987: 991).

Henry nasceu em 1635 na miserável localidade galesa de Llanrhymny. Sua família, porém, tinha algum prestígio, alguma posição. Os Morgans já ali habitavam há seis gerações, vindos da Inglaterra. A infância de Henry foi marcada pelas tribulações da guerra civil inglesa com os enfrentamentos entre forças monarquistas e parlamentaristas. A guerra cindiu o país e a própria família de Henry lutou em campos opostos.

Não se sabe exatamente como Henry Morgan foi parar na Jamaica. Uma das versões diz que, um dia, enquanto estava em Bristol, Henry foi surrado por recrutadores e, quando acordou no dia seguinte, estava a bordo de um navio que ia para o Caribe.<sup>19</sup> Ele se juntou

---

<sup>17</sup> Cresso parecia ter alguma cultura clássica, como sugere os nomes de seus escravos.

<sup>18</sup> O Luis de ouro era uma moeda francesa. Tinha esse nome porque no seu averso apareceram sucessivamente os bustos de Luís XIII e Luís XIV. ARMANDRY, Michel. *Dictionnaire de Numismatique*. Paris: Larrouse, 2001. p. 344.

<sup>19</sup> Disponível em [www.cavazzi.com/morgan/](http://www.cavazzi.com/morgan/). A prática de alistamentos forçados nas marinhas durou até o século XIX. Para isso, recrutadores iam em bares nos portos e apanhavam marinheiros bêbados para levar aos navios.



então àquele número de ingleses que imigravam para a América em busca de melhores oportunidades.

Naquela região ventosa, de eterno odor marinho e vegetação luxuriante Henry teve várias profissões. Foi soldado, trabalhador de engenho e capataz de engenho. Na década de 1660 quando a Inglaterra estava pacificada internamente, ela se envolveu em um conflito com a Espanha. Nas ações daquele conflito, Henry iria descobrir sua vocação.

Das aparentemente inesgotáveis minas do México e Peru (Colônias espanholas), saíam milhares de toneladas de moedas de ouro e prata que obrigatoriamente passavam pelo Caribe a caminho da Espanha. Era o tipo de ação que as tropas geralmente preferem com relativamente poucos riscos e grandes pilhagens. É importante lembrar que, durante todo período colonial, as minas espanholas de metais preciosos permaneceram invioláveis, a guerra que os predadores ingleses faziam era periférica, mas como já foi dito, muito lucrativa (Cf. Mcleod, 1998: 339-390).

Após um ataque contra Santiago de Cuba em 1662 no qual comandou um navio, Henry cresceu em importância e se tornou um bucaneiro. Cumpre aqui fazer umas observações. Um bucaneiro é algo bastante diferente de um pirata e os dois tinham estilos e vida bastante distintos. O pirata tinha uma atuação irregular no sentido de que não se submetia a nenhuma autoridade fora a de seu capitão, e costumava ser também um apátrida. Em seus navios, atuavam em todos os mares e, para a maioria dos países, tinham uma atuação fora-da-lei. Enquanto fenômeno criminoso, a pirataria ainda subsiste na Ásia e no Mar Vermelho em nossos dias.

Um bucaneiro, categoria à qual Henry pertencia, estava situado a meio caminho entre uma existência civil e a pirataria (Konstam, 2007:24). Seu nome teve origem em 1630, forças espanholas expulsaram os colonos franceses da Ilha de Saint Kitts. Os colonos expulsos se refugiaram no Haiti e na Ilha de Tortuga. Ali eles caçavam gado selvagem e porcos, cuja carne cozinhavam em estruturas de madeira, *boucans* em francês.<sup>20</sup> Após algum tempo, os *boucans* decidiram juntar à incerteza da caça a certeza do lucro e passaram a atacar em pequenos barcos, os navios espanhóis desgarrados.

O bucaneiro, ao contrário do pirata, possuía uma ativa existência em terra, além de não praticar a pirataria em tempo integral.<sup>21</sup> Além disso, o bucaneiro é um fenômeno típico do século XVII e do Caribe. Surpreendentemente bem organizados e disciplinados, os

---

<sup>20</sup> Os índios brasileiros tinham prática semelhante, segundo depoimento do Embaixador Paulo Cordeiro.

<sup>21</sup> No imaginário militar inglês, os bucaneiros viraram sinônimo de audácia e bom planejamento, em contraposição aos piratas que são percebidos como bandidos. Já houve casos de navios e aviões batizados como *buccaneer*.

bucaneiros faziam destruições impressionantes. Henry aprendera muito bem que, dentro do *boucan*, não havia espaço para o caos que ele presenciara durante a guerra civil inglesa, com suas lealdades de ocasião e com sua própria família lutando em campos opostos. Com Henry Morgan no comando havia coesão, e ele sabia impô-la muito bem a ferro e a fogo. Portanto, ao contrário do pirata que geralmente atacava a esmo no mar, o bucaneiro planejava antes e atacava tanto no mar quanto em terra.<sup>22</sup>

No que tange a este trabalho, a caracterização de bucaneiro de Henry Morgan é fundamental porque explica as duas faces de sua vida. Ele e seus comparsas atacando navios e cidades se colocavam na primeira fase da corrente mercantil adquirindo dinheiro e se colocavam na segunda fase gastando o dinheiro que haviam adquirido com suas incursões. Resumindo, a fortuna que Henry ganhava saqueando os espanhóis era aplicada na construção de um sólido patrimônio na Jamaica. O maná que irrigava essa construção eram as moedas de prata que ele roubava dos espanhóis. O bucaneiro, enquanto habitante da terra e cidadão da coroa teria uma tendência ao gasto mais regrado, menos explosivo.

Durante sua vida, Henry Morgan atacou diversas cidades coloniais espanholas: Santiago de Cuba em 1662, San Francisco de Campeche em 1663, Villa Hermosa, Trujillo e Granada em diversas ocasiões, Puerto del Príncipe em 1666, cujo saque rendeu 50.000 peças de oito, Maracaibo cujo saque montou em 35.000 peças e a formidável incursão a Puerto Bello em 1667, cujo saque rendeu sozinho 400.000 peças de oito.<sup>23</sup> Um cálculo bastante básico feito por sobre os montantes que as tropelias de Henry, avalia que ele e seus bucaneiros tomaram dos espanhóis cerca de 735 mil peças de oito (fora a prata lavrada e o ouro, que não foram computados).<sup>24</sup> Toda essa fortuna, cerca de dezessete toneladas de prata cunhada, foi parar em algum lugar. Podemos imaginar que a maior parte dos bucaneiros gastava a riqueza adquirida nas tavernas e lupanares de Port Royal, como já foi assinalado. No caso de Henry nós podemos decifrar o caminho de sua fortuna com muito mais facilidade.

O ano de 1671 marcou uma mudança de rota na vida de Henry. Durante aquele ano ele se afastou do mar e se dedicou a construir um engenho. Talvez ele sentisse que estava ficando velho, talvez ele chegasse a conclusão de que já era rico o suficiente, ou talvez pensasse que sua sorte já tivesse durado demais. De qualquer maneira e juntando a tudo isso

---

<sup>22</sup> Para uma rápida história dos bucaneiros ver <http://en.wikipedia.org/wiki/Buccaneer>.

<sup>23</sup> Disponível em [www.cavazzi.com/morgan/](http://www.cavazzi.com/morgan/). A peça de oito era a moeda de prata cunhada nas colônias espanholas. Era nos séculos XVII e XVIII, de longe, a moeda de maior circulação no mundo. Seu peso orçava em torno de 23 gramas, portanto, apenas o saque em Puerto Bello rendeu, sozinho, 9.2 toneladas de prata! Para o peso das peças de oito verificar *Catálogo Jean Elsen*. Bruxelles: Jean Elsen et sés Filles, 2004. p. 86

<sup>24</sup> *Idem*. Os produtos dos saques deveriam ser ainda maiores se considerarmos a hipótese de desvios e furtos entre os próprios bucaneiros.

o fato de que a Inglaterra e a Espanha haviam assinado um tratado de paz, podemos ter certeza de que a partir daquele ano Henry Morgan mudou o foco de suas atividades. Cada vez mais ele ficaria em terra, na Jamaica, cada vez mais o seu passado de bucaneiro salteador ficaria para trás. Henry começou a se tornar respeitável. Em reconhecimento pelo trabalho que deu aos espanhóis e à tremenda influência política que exercia na Jamaica, o Rei Carlos II fez de Henry Morgan um cavaleiro com o direito de usar o título Sir antes do nome. Posteriormente ele se tornou governador da Ilha da Jamaica. À fama de bucaneiro implacável, Henry junto a reputação de governador diligente, e contribuiu enormemente para a edificação da colônia.

Sir Henry Morgan morreu em 25 de agosto de 1688. Com sua morte parecia que uma época chegava ao fim. A época dos bucaneiros morria com ele.<sup>25</sup> Ao fim seu caixão foi depositado no cemitério em Port Royal. No mar em que ele fizera sua fortuna, os navios atracados no porto o saudaram com 22 tiros de canhão.<sup>26</sup>

Seu inventário foi iniciado em 30 de outubro de 1688 por dois notários de Port Royal, Nathaniel Tow e Robert Goodler. Uma vez terminado, ele foi entregue para ser selado, em 19 de fevereiro de 1689, no cartório de Port Royal.

De todos os 141 inventários trazidos de Porto Royal do século XVII que pudemos examinar, o de Sir Henry foi o segundo maior no montante. O primeiro foi o do já citado Isaac Gonzalez de Lossa. Mas o de Henry, somando 5.263 libras é muitíssimo mais impressionante, com uma variedade muito maior de bens. Fazendo um contraste com os inventários paulistas, ali vemos a verdadeira riqueza. No inventário vemos ecos da vida pregressa de Sir Henry. Entre os bens relacionados havia típicos instrumentos náuticos (nos ataques ele comandava seu próprio navio), um pequeno compasso, dois sextantes de latão, um conjunto de mapas (antigos segundo o inventariante), duas lunetas e mais alguns instrumentos náuticos que não puderam ser identificados. Havia armas também: vinte e sete armas de fogo de diversos tipos (devemos nos lembrar que os escravos na *plantation* de Sir Henry deviam ser controlados), dezenove caixas com balas, três pistolas, cinco chifres de pólvora e duas lanças e uma rede para carregar mosquete.

---

<sup>25</sup> De todos os flibusteiros marinhos Morgan parece ser o que teve o final mais feliz. Drake e Hawkins morreriam humilhados, derrotados pelos espanhóis; Barba Negra, morto em batalha, teve sua cabeça posta do mastro da proa de um navio de guerra inglês; Capitão Kidd foi enforcado em Londres e Bartolomeu Português, “invencível no mar”, morreu meio cego, vendendo cocos em uma estrada nas Antilhas. Sérgio Elteca e Philippe Jacquin. Piratas e Corsários. In: *História Viva*. São Paulo: Editorial Duetto, jan. 2004.

<sup>26</sup> Disponível em <http://www.it4biz.com/omnibus/PortOfCall/sirharry/htm>

Ao lado da velha vida, detalhada no inventário, estava a nova. Os itens referentes à vida rural e ao engenho de Sir Henry se sucedem. Uma matilha de cães, onze barris de carne, mil galões de melaço (muito procurado para trocas com as colônias da América do Norte), um conjunto de instrumentos de carpintaria, sacos com especiarias, cento e quinze escravos dos quais dois índios.<sup>27</sup> O conjunto de trabalhadores braçais perfazia cerca de um quinto da fortuna do bucaneiro totalizando 1411 libras. Sir Henry possuía ainda onze *servants* ingleses.<sup>28</sup> Há ainda diversos itens listados, que caracterizam um engenho grande, rico e sólido.

Enquanto que em muitos inventários de Port Royal, o finado deixa apenas algumas poucas libras e uns tantos artigos manufaturados, o inventário de Sir Henry é pródigo em detalhar artigos luxuosos. Um cofre de cedro com gavetas avaliado em duas libras e dez shillings, objetos de prata diversos avaliados em cento e vinte oito libras, um relógio de bolso de prata, três libras, um conjunto de xícaras de porcelana chinesa, diversos tipos de móveis, nove quadros de diversos tamanhos, um relógio de pêndulo, jóias de diversos tipos. É muito fácil imaginar que alguns itens, como por exemplo, algumas esmeraldas lapidadas em forma de gota de lágrima, estivessem antes em algum brinco de alguma dama espanhola. Note-se que apenas os objetos pessoais de Sir Henry e os artigos comuns do casal foram inventariados. Os objetos pertencentes exclusivamente a Lady Elizabeth (prima e esposa de Henry Morgan) não entraram no inventário. Caso tivessem sido, a quantidade de artigos de luxo teria sido bem maior.

Mas, e quanto ao dinheiro propriamente dito? Como em um inventário tão rico não encontramos absolutamente nenhuma moeda? Em inventários bem mais humildes a porcentagem mencionada como *cash*<sup>29</sup> chega a um terço ou três quintos do total avaliado. A impressão que se tem é que, em seu último ano de vida, Sir Henry parece ter levado uma existência amonetária. Mas como tal coisa pode ter acontecido dadas as pilhagens colossais a que ele se dedicou ao longo da vida?

---

<sup>27</sup> Era relativamente comum índios norte-americanos rebeldes serem vendidos como escravos no Caribe. Cf. Jerome R. Reich. *Colonial América*. New Jersey: Prentice Hall 1998.

<sup>28</sup> Fenômeno típico da colonização inglesa e holandesa, o *servant* era o europeu que, não tendo condições de emigrar para a América ou África, tinha sua passagem paga por uma pessoa de posses. Ao chegar em seu destino o *servant* devia trabalhar para essa pessoa alguns anos na condição de um escravo branco. A diferença de escravos africanos, quando o termo de trabalho do *servant* chegava ao fim ele se tornava livre, com seu antigo proprietário lhe fornecendo uma muda de roupas e ferramentas para ele poder se estabelecer. Quando do início da colonização inglesa no Caribe, esta foi feita em sua maior parte por europeus. Cf. Eric Williams. *From Columbus to Castro. The History of Caribbean. 1492-1969*. Norfolk: André Deutsche, 1970. p. 97e 98.

<sup>29</sup> A palavra *cash* em inglês designa tanto hoje quanto no século XVII, dinheiro vivo. No caso dos inventários de Port Royal débitos, créditos e outras referências a dinheiro fiduciário não são jamais referidos como *cash*.

A vida de Henry Morgan exemplifica magnificamente o trâmite monetário caribenho do século XVII. Como já foi dito, o montante de peças de oito “adquiridas” por Henry e seus bucaneiros relacionadas no seu site biográfico monta em 735 mil peças, mas esse número pode ser bem maior. Sobre a parte de Henry em tudo isso como comandante, só podemos especular. Comparando pelas leis militares do século XVIII, a parte do comandante era de 3/8, ou 37,5% do total da pilhagem.<sup>30</sup>

É sabido que as moedas espanholas, de uma maneira geral, ficavam pouco tempo na América, sendo embarcadas logo para a Europa. Havia duas grandes rotas de saída do metal: o Rio da Prata e o Mar do Caribe. Do ponto de vista do predador europeu, o metal só poderia ser tomado em um porto de embarque ou no mar, até chegar à Espanha. Um ataque ao Rio da Prata era problemático. Para começar, era muito longe e, no século XVII, não havia pontos de apoio como uma ilha segura a partir do qual o ataque poderia ser realizado. Na verdade, os ingleses tentaram por duas vezes tomar Buenos Aires a fim de controlar a saída da prata boliviana. As duas tentativas foram feitas já no século XIX. Da primeira vez, atacaram com 1700 soldados, em 1806. Foi um fracasso. Nova tentativa foi feita no ano seguinte. Desta vez em um ataque muito maior, 9000 soldados foram destacados para controlar a foz do Rio da Prata (Bruce, 1979:50). Novo fracasso e os números mostram como era difícil atravessar o oceano e tentar uma conquista sem pontos de apoio.

A situação no Caribe era totalmente diferente. Ali bucaneiros e piratas podiam atuar com muito mais desenvoltura. Todavia cumpre observar que, à medida que os espanhóis melhoravam o sistema de frotas e que fortificavam seus portos, a época de tropelias acabava. Primeiro, acabaram os bucaneiros com seu modo de vida meio amador-militar e meio civil. A seguir, encerrou-se a época da pirataria (pelo menos no Caribe) com sua atuação amador-militar em tempo integral. À medida que o século XVIII corria, os ataques sobre as colônias passaram a ser feitos por forças militares mantidas e apoiadas por seus governos.

O desenrolar da vida de Sir Henry foi bastante lógico e prático. Como bucaneiro, ele tinha uma existência civil em terra. Na segunda metade de sua vida, ele se dedicou cada vez mais a suas propriedades e a sua carreira política. E talvez ele percebesse que a luta no Caribe estava se tornando mais complexa e cada vez mais dependente de tratados e regras estabelecidos não no Caribe, mas na Europa.<sup>31</sup> Por outro lado, a Espanha cada vez mais abandonava suas guerras de honra na Bélgica e na Itália para se concentrar na defesa prática

---

<sup>30</sup> Disponível em [www.nelsonsnavy.co.uk/broadside5.htm](http://www.nelsonsnavy.co.uk/broadside5.htm).

<sup>31</sup> Para o custo sempre ascendente das campanhas militares ver: Paul Kennedy. *Ascensão e Queda das Grandes Potências*. Rio de Janeiro: Campus, 1989.

de seu império americano. Milagres como aquele ocorrido em Puerto Bello com suas alentadas quatrocentas mil peças de prata, não ocorreriam mais.

Voltando à questão de como o numerário de Sir Henry foi gasto. Se a repartição das presas se manteve igual durante os séculos da navegação à vela, Morgan deve ter recebido algo em redor de umas duzentas e setenta mil peças. E qual teria sido o destino dessa tremenda fortuna? Temos de levar em conta que o Caribe era uma área fornecedora em matéria de moedas. A lógica da vida econômica de Sir Henry não podia escapar deste fato. Para construir seu engenho, e ele deve ter sido bem grande, com seus mais de cem escravos e o enorme número de artigos mantidos ali, descritos em seu inventário, o dinheiro de Henry deve ter embarcado para a Europa às toneladas.<sup>32</sup>

Naquilo que ficou depois conhecido como comércio triangular, foi uma fortíssima característica do Caribe britânico ser fornecedor de numerário espanhol, basicamente para as colônias inglesas da América do Norte. De acordo com as regras básicas deste tipo de comércio, traficantes americanos ou ingleses iam para a costa da África onde os escravos eram vendidos. Dos portos da costa da África Ocidental, eles rumavam com sua carga humana para as Antilhas, os escravos eram vendidos pela prata espanhola ou trocados por melão e açúcar.<sup>33</sup> Dos portos coloniais da América do Norte os comerciantes poderiam voltar para as Antilhas com peixe (usado na alimentação dos escravos), gado bovino ou ovino, madeira serrada e farinha. A Europa fornecia produtos manufaturados.<sup>34</sup>

As Antilhas inglesas do Século XVII eram, em termos de circulação monetária, parecidas com o Brasil do Século XVIII. Devia haver um grande estoque de moedas que raramente se entesouravam, circulavam rapidamente e havia uma forte tendência para serem exportadas. Aliás, parece ter sido relativamente comum que piratas antilhanos fossem muito bem recebidos nas cidades costeiras da Nova Inglaterra. Ali gastavam alegremente as moedas que pilhavam e, ou na pressa de partir ou por pura ignorância, ou ainda pelas duas coisas juntas, vendiam barato os artigos roubados (Reich, 1994: 161).

É bem possível que houvesse uma consciência da necessidade de se manter as moedas circulando no âmbito da economia interna. O Prêmio Nobel de Literatura, John Steinbeck, escreveu uma biografia romanceada de Henry Morgan. No livro de Steinbeck, Berço de

---

<sup>32</sup> <http://nautarch.tamu.edu/portroyal/archives/Inventories/Vol3/3-259.htm>

<sup>33</sup> O melão era usado para se fazer rum, que por sua vez era exportado para a África em troca de escravos. No inventário de Henry Morgan estão listados cerca de mil galões de melão depositados em armazéns do seu engenho.

<sup>34</sup> Para um mapa ilustrativo do comércio triangular ver: George B. Tindall e David E. Shi. *América*. New York: W. W. Norton Company Inc., 1989. p. 53

Ouro, Henry Morgan responde com irritados “não” aos pedidos dos bucaneiros para repartirem o tesouro ainda em Puerto Bello. O argumento dele é que seus comparsas gastariam no próprio Panamá todas as moedas, com mulheres e bebida. Melhor seria gastá-las como bem entendessem, mas na Jamaica, colônia inglesa (Steinbeck, s/d : 179).

Isso tudo é bem revelador da situação vivida por Sir Henry. Para gastos miúdos e de pouca monta, ele deveria despender seu dinheiro na própria Jamaica. Para grandes gastos como mobiliário de luxo, escravos, a montagem do engenho, o dinheiro deveria sair. Celso Furtado observava que, para o funcionamento dos engenhos no Brasil, alguns gastos eram feitos com moeda, a saber: compra de lenha e de bois (Furtado, 1991: 44).<sup>35</sup> Além disso havia o pagamento de empregados livres. Sendo a Jamaica de fins do Século XVII muito mais próspera que o Brasil, na verdade era a mais rica colônia inglesa no Novo Mundo, podemos imaginar que a porcentagem de pagamentos utilizando moedas fosse ainda maior.<sup>36</sup> Mas o dinheiro gasto na Jamaica era exceção ou antes a tendência a médio prazo era as moedas saírem da ilha. O grosso das moedas ia para a Europa e para a costa atlântica da América do Norte.

Essa troca foi feita lentamente mas, ao final, a prata americana foi enviada para a Europa. Na troca, ficaram os bens móveis na Jamaica. O inventário menciona ainda créditos a receber na Inglaterra. Entre os devedores: Sir Richard Doreham e o Duque de Albermarle. O nível social dos devedores mostra a importância de Sir Henry ao final da vida.

Henry Morgan foi um personagem notável. E foi por ter sido notável é que vale a pena analisar sua vida econômica. Sua vida deixou mais registros que a de seus contemporâneos. Lances de sua vida extraordinária, reais ou imaginários, seriam tratados em livros e filmes.

Conseguimos reunir alguns testamentos que, acompanhados dos respectivos inventários (quando existem) lançam alguma luz sobre os habitantes de Port Royal e suas moedas.

Se os inventários são enumerativos, como têm de ser, os testamentos seguem uma linha repetitiva de enunciações legais. Mas ao contrário dos brasileiros que se desenrolam de uma forma processual, os de Port Royal tendem a tratar mais das angústias e considerações dos moribundos.

---

<sup>35</sup> Celso Furtado. *Formação Econômica do Brasil*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1991. p. 44

<sup>36</sup> Disponível em <http://nautarch.tamu.edu/portroyal/PRhist.htm>. Neste site da Universidade do Texas a intensidade no uso de moedas é observada. Acesso em 08/08/2006

O primeiro inventário é o de Andrew Orgill cuja atuação se esparramava por dois setores da economia, a saber o primário com seu engenho e o terciário com sua atividade comercial. Orgill era originário da Inglaterra, do Condado de Middlesex. Em algum momento ele emigrou para a Jamaica tornando-se rico. Orgill comprou bens imóveis, terras e casas, próximo a seu lugar de origem, em Bromley, na Inglaterra. Mesmo na Jamaica ele possuía, ao final da vida, bens em diversos lugares, tanto que o escrivão que transcreveu o inventário original na década de 1830 se deu ao trabalho de tentar localizar, ao final do documento, os diversos lugares onde Orgill tinha bens.<sup>37</sup>

Seu inventário, datado de 1680, é bastante rico. Ele monta em mais de 1.000 libras esterlinas. Seu conjunto de escravos estava montando em oitenta e uma pessoas, eles valiam 550 libras, mais ou menos a metade da fortuna de Orgill, portanto. Além deles havia seis servants ingleses. Orgill tinha muitos animais de carga: sete mulas, quinze cavalos, dezoito bois definidos como de trabalho. Os bois deviam fazer o trabalho de fazer andar as máquinas do engenho. E o seu engenho parece ter sido cheio de maquinário. Entre os bens havia um alambique de destilar no valor de dez libras. Ele tinha bastante açúcar estocado, bem como rum.

Orgill era alfabetizado e possuía sete livros. Seguramente ele devia se mover com frequência entre suas propriedades na ilha. Afirmo isso porque ele fez um primeiro testamento, que foi anulado pelo último, na Paróquia de Saint Mary onde ele tinha uma propriedade denominada “The Crawl”.

Em uma bolsa foram encontradas vinte e uma pistolas de ouro. Em um baú foram encontradas mais dez pistolas de ouro. Em um alforje havia mais 03 15 06 (três libras, quinze shillings e seis pence) em moedas de diversos tipos.

Ao que parece, Orgill vendia sua própria produção, uma vez que em seu testamento ele é designado como “*merchant-planter*”. Seu dinheiro representa bem pouco frente ao montante de sua fortuna, apenas 3% do total. É particularmente interessante o bom volume de moedas de ouro que ele possuía. Braudel considerava que a moeda de ouro era mais utilizada como estoque, como reserva, se prestando pouco para ser usada no dia-a-dia.<sup>38</sup> Ele possuía um bom conjunto de mais de peças espanholas. O avaliador fez questão de designar as peças como de ouro, é possível que ficasse impressionado, pois não era o tipo de coisa que se via

---

<sup>37</sup> Foi a única vez que observei esse procedimento nos inventários de Port Royal.

<sup>38</sup> Como está claro no texto, as moedas de ouro eram pouco usadas para compras no cotidiano, porém, ainda assim eram usadas. Cf. Fernand Braudel. *As Estruturas do Cotidiano*. São Paulo: Martins Fontes, 1995.



com freqüência. O conjunto delas aparenta ter sido guardada mais como investimento do que como reserva para o cotidiano.<sup>39</sup>

Um conjunto que surpreendente foi o do Taverneiro John Ellis. Como taverneiro, *tavern-keeper* no original, é de se imaginar que ele possuísse dinheiro sonante. Todavia, quando de sua morte em 1685 não havia moedas em seu testamento. Ele pede que se dê para seu filho John Ellis vinte libras. Mas elas não estão imediatamente disponíveis, devem ser retiradas dos lucros com a taverna que seguiria sendo administrada pela esposa, Thomasine Ellis. Para a neta ele dá uma escrava índia de nome Hanorah. Há menção a algumas terras que ele possuía. Todavia as terras não eram cultivadas, não é mencionada nem a produção nem escravos. Talvez ele fosse um especulador de terras. O próprio Ellis definia sua terra como parcialmente cercada de “*unpossessed wood*” (terras devolutas).

Quando sua esposa morreu em 1690, foi feito o levantamento dos móveis que estavam na taverna. O inventário foi feito de uma maneira muito cuidadosa e os móveis são relacionados em suas posições, espalhados pelos diversos aposentos. A taverna ocupava dois aposentos do andar térreo de uma casa em Port Royal. No primeiro deles, voltado para a rua, havia mesas e cadeiras. No segundo, estavam depositadas as bebidas: sessenta galões de rum e vinte e um de vinho.

Em outro lugar foram encontrados metais preciosos. Cento e trinta e oito onças de prata. A descrição do ouro foi feita da seguinte forma: “*two ounces eighteen pennywt of gold at 4L*”. É difícil de traduzir, dadas as características da escrita do século XVII. Naquela época as pessoas tendiam a escrever da forma como falavam. As abreviaturas também variavam enormemente. Sobre o que não há dúvida é que o ouro foi pesado em duas onças. Não sei se os dezoito pennies são uma medida de peso ou valor. Fico inclinado a acreditar no primeiro caso. 4L certamente significam quatro libras que é a medida de valor para um determinado peso em ouro. O fato é que o total do ouro montou em 11 libras.

Deve ser bem pouco provável que o metal precioso se tratasse de moedas. Para começar as moedas nunca foram pesadas em inventários, mas tinham seu valor declarado em libras. O metal não amoedado, por outro lado, costumava ser pesado. É praticamente certo que se tratasse de objetos diversos como talheres, relógios, pedaços de corrente, etc. Todavia, podemos estar diante de meio circulante. Na falta de bancos e dada a restrição das possibilidades de investimento, os metais preciosos na forma de jóias e objetos de uso

---

<sup>39</sup> Disponível em <http://nautarch.tamu.edu/portoroyal/archives/Wills/Vol3/3-5.htm>.

cotidiano eram usados como reserva de dinheiro. Mas persiste o fato, espantoso, que um taverneiro não possuísse nenhum dinheiro sonante.

Uma classe social que me parecia de início ter tido um amplo acesso às moedas, talvez até mais que os comerciantes, era a dos capitães e comandantes de navios.<sup>40</sup> Os motivos eram plausíveis: viajavam bastante, freqüentavam portos (lugares de trocas monetárias por excelência) e, evidentemente o mais importante, tinham acesso ao maná argênteo através do comércio com as cidades costeiras das colônias espanholas. Todavia, de dez inventários de capitães mercantes consultados, apenas três possuíam moedas.

Mas, dado sugestivo, o único inventário de um profissional ligado à indústria náutica possuía abundância moedas. Era o de Lawrence Garrat, classificado como shipwright, ou seja, construía e concertava navios (Pietzchke, 1974: 856). De um total de bens avaliado em 156 libras, Garrat possuía 89 em moedas.<sup>41</sup> Essa porcentagem de moedas, quase 60% sobre o patrimônio é absolutamente notável. Talvez seja a mais alta que pude observar em um inventário jamaicano. É de se imaginar que as moedas, recém chegadas dos navios que eram absolutamente o único meio de transporte pelo qual as moedas entravam na Jamaica, fossem imediatamente parar nas mãos de Garrat. Em sua atividade, ele deveria ter um acesso muito mais imediato às moedas do que um plantador, por exemplo.

Os três conjuntos que apresentavam moedas, pertencentes aos Capitães Thomas Alder, Oliver Cransborough e John Phipps eram todavia muito interessantes. Thomas Alder, falecido em 1687, comandava navios a partir de Port Royal. Ele era sócio de duas chalupas (em inglês sloop). Em uma delas Alder possuía uma cota de  $\frac{1}{4}$  e o nome da embarcação não pode ser registrado.<sup>42</sup> A outra era a Chalupa Thomas and Joseph, da qual Alder possuía  $\frac{1}{3}$ .<sup>43</sup> Alder parece ter sido uma pessoa instruída, possuía um conjunto de livros. Entre seus bens havia duas lunetas que, de resto, tão bem caracterizam aqueles proprietários de embarcações do século XVII.

---

<sup>40</sup> Lembramos aqui que o caso de Henry Morgan era, digamos, bastante específico.

<sup>41</sup> Disponível em <http://nautarch.tamu.edu/portroyal/archives/Inventories/Vol3/3-236.htm>. Acesso em 08/04/2005.

<sup>42</sup> O papel estava danificado.

<sup>43</sup> No contexto do século XVII, a chalupa costumava designar um navio bem pequeno, com um ou dois mastros porém menor que um brigue. Apesar de não poderem carregar tanta carga quanto os grandes galeões, as chalupas eram capazes de realizar longas viagens intercontinentais. A tripulação de uma chalupa mercante deveria variar de dez a quinze tripulantes. As chalupas eram rápidas, difíceis de serem capturadas pelos navios espanhóis. Além disso elas era relativamente fáceis de se construir. E, dado importante, muitas delas eram construídas nos engenhos, unindo assim as duas principais atividades econômicas da Jamaica: produção de açúcar e contrabando. Nuala Zahedieh. *Op. cit.* p. 580 e Brian Lavery. *Ships*. London: The National Maritime Museum, 2004. p. 392. Além disso é interessante notar que no Brasil os navios utilizados no contrabando (em sua primeira fase) também eram pequenos, de 20 a 40 toneladas. Na Jamaica eles costumavam ter por volta de 20 toneladas.

Na casa do capitão havia bem poucos móveis. Penso que isso seria um indício de que ele deveria passar muito tempo no mar. Ele também tinha a seu serviço, três servants. Como o capitão não tinha propriedades rurais e o serviço de três pessoas era exagerado para sua parca casa, acredito que os servants deveriam trabalhar para ele como marinheiros em seus barcos. É extremamente provável que o Capitão Alder viajasse com frequência para a Inglaterra dada presença dos servants em seu inventário. Este era o tipo de artigo que só poderia ser obtido na ilha.

Sobre as moedas de Alder, elas montavam em 50 libras em um total de 241 em que foram avaliados todos seus bens. É muito, cerca de vinte por cento. O Capitão Alder as obtinha de alguma maneira, nos portos ingleses ou, talvez, comerciando nos portos da *Tierra Firme*.<sup>44</sup>

O Capitão John Phipps possuía bastante dinheiro e investimentos muito variados. Possuía um quarto da Chalupa John & Thomas. Possuía um engenho com alguns escravos. Tinha também uma loja. Seus bens valiam um total de 2.375 libras, das quais 303 libras em moedas. Trata-se de uma proporção de moedas alta. A pergunta que me ocorreu é se John Phipps seria parente de William Phips.

William Phips cresceu como trabalhador rural. Depois passou a proprietário de um pequeno estaleiro em Boston na Nova Inglaterra quando, em 1687, alguém lhe deu informações precisas sobre um navio espanhol naufragado em 1641, o Concepción. Phips foi então à Inglaterra procurar um patrocinador para bancar uma expedição de busca em direção ao Caribe. O Duque de Albermarle decidiu apoiá-lo. Phips partiu então com dois navios e encontrou os destroços do Concepción. As moedas e objetos de prata eram retirados por mergulhadores que prendiam a respiração, pulavam no mar com uma pedra pesada para ir ao fundo mais rápido e traziam para cima o que podiam. O total retirado por Phips montou em 29 toneladas de prata em moedas, baixelas e barras. Onze quilos de ouro em moedas e lingotes e diversos sacos com pedras preciosas. Em sua ausência o local, agora batizado de Baixios de Prata, foi saqueado por cerca de 50 pequenos barcos saídos da Jamaica, das Bermudas e de outras colônias inglesas. Phips, patrono dos caçadores de tesouros do Caribe, tornou-se rico, ganhou um título de nobreza e foi nomeado governador de Massachusetts aonde em 1692 ele enfrentou aquele espantoso caso dos processos de feitiçaria na Cidade de Salem.

---

<sup>44</sup> *Tierra Firme* era a denominação da América espanhola continental.

É interessante cogitar se John, que faleceu em 1693, seria parente de William e se teria participado das buscas ao Concepción e nos conseqüentes lucros, o que explicaria alguns fatos em seu inventário, mas não pude encontrar resposta conclusiva.

Todavia existe um testamento singular, novamente de um homem do mar, de que pudemos acompanhar algo da existência da pessoa que o fez. Trata-se do testamento do Capitão Oliver Cransborough, datado de 5 de abril de 1689. No trabalho de Nuala Zahedieh ele é declarado claramente como contrabandista (Cf. Zahedieh, 1986:570-593).

Não pude encontrar o inventário de Cransborough o que pode significar que ele não morreu na Jamaica. No inventário está declarado que a mãe dele morava na Irlanda. De fato, em sites de história na internet, o sobrenome Cransborough vem constantemente associado às então recentes zonas de colonização protestante da Irlanda.<sup>45</sup> O capitão declarou que era originariamente de Nova Iorque mas, no momento, era domiciliado em Port Royal. Como muitas pessoas de Nova Iorque do século XVII, sua esposa, Hilyard Vanhorne Cransborough, era de origem holandesa. Pelo que consta ele não levou a esposa para Port Royal, o que é mais um indício da existência itinerante que ele teve. Cransborough tinha um irmão, Nicholas, que vivia em Port Royal e talvez fosse associado a seus negócios.

O testamento de Cransborough é revelador daquela teia de comércio (o referido comércio triangular) que unia Caribe, América do Norte e Europa. Zahedieh pôde rastrear algo da vida dele, precisando que ele chegou à Jamaica vindo de Nova Iorque em agosto de 1688. Sua chalupa, a John and Mary, teve sua tripulação aumentada de seis para catorze tripulantes nas viagens daquele ano. Esse aumento talvez fosse devido ao volume dos negócios que Cransborough vinha desenvolvendo. Em uma de suas primeiras viagens, quando retornou de Rio de La Hacha na Colômbia, ele trouxe quinze mulas e trinta e um cavalos.

Zuadih assinalou que Cransborough era rico e seu testamento demonstra isso cabalmente. Ele nem parece ter possuído muitos bens, mas possuía grandes quantidades de moedas obtidas de seu contrabando com as colônias espanholas. Ele menciona seiscentas peças de oito depositadas junto a sua cunhada em Nova Iorque. Para sua esposa vão anéis de ouro, um escravo e trezentas peças de oito que ele tinha na Jamaica. Para a mãe, habitante do Condado de Kilkearny, se ainda estivesse viva, iriam vinte seis pistolas de ouro espanholas. Cransborough ainda menciona moedas não relacionadas que ele possuía na Jamaica.<sup>46</sup>

---

<sup>45</sup> A pesquisa foi facilitada pelo fato desse sobrenome ser bastante incomum no âmbito da língua inglesa.

<sup>46</sup> Disponível em <http://nautarch.tamu.edu/portroyal/archives/Wills/Vol6/6-62.htm> Acesso em 11/5/2006.

Cransborough foi o único habitante de Port Royal que pôde ser claramente classificado como contrabandista graças ao trabalho de Zahedieh. Em seu inventário ele é definido como *mariner* (marinheiro). Todavia esse fato não nos deve impressionar. Do ponto de vista inglês, a atividade realizada no Caribe era comércio honesto. Do ponto de vista das autoridades espanholas era contrabando. O ingleses, tal como os luso-brasileiros que obtinham metais preciosos no Rio da Prata, jamais se assumiam como contrabandistas. Dos capitães de Port Royal, Oliver Cransborough era o que mais possuía moedas. Suas atividades parecem ter sido mais lucrativas e proveitosas que a de seus companheiros de profissão. Em que pese esse fato devemos lembrar que era através de homens como Cransborough, Alder e Phipps, que o dinheiro entrava na Jamaica, tivessem eles conseguido reter essas moedas ou não.

Pelo exame dos inventários, o dinheiro parece ter se acumulado muito mais nas mãos dos grandes comerciantes e prestamistas judeus. Dispomos de três inventários de judeus. É óbvio que três inventários não podem provar nada de forma definitiva. Todavia, é sintomático que justamente esses três inventários sejam ricos (na verdade um deles é, de longe, o mais polpudo) e que os outros dois apresentem grandes quantidades de moedas.

Os inventários pertencem a três indivíduos de origem judaica. A comunidade hebraica da Jamaica tinha fortes ligações com o mundo luso-espanhol (Zahedieh, 1986:580). Para além da primeira leva de exilados judeus, expulsos quando da retomada de Pernambuco, houve pelo menos uma leva de exilados seguintes, desta vez cripto judeus. A Enciclopédia Judaica afirma que em 1662 chegaram em Port Royal judeus vindos do Brasil. Há o fato, tocante, de que os judeus que apreciaremos agora podem ter sido brasileiros.

São eles: Isaac Rodriguez De Lossa, Isaac Narvais e Moses De Lucena. A princípio foi difícil classificar Isaac Narvais como judeu. Entretanto o sobrenome parece ser de origem hispânica, dado que na internet pessoas com esse sobrenome vêm frequentemente associadas a sites de língua espanhola. Além disso esse sobrenome nos censos americanos de 1880 e 1920 é registrado como sendo de famílias moradoras nos Estados da Califórnia e do Texas, estados esses de forte presença populacional de origem hispânica. Sobrenomes de origem espanhola e portuguesa na Inglaterra do século XVII significam, quase sempre, pessoas de origem judia.<sup>47</sup> Para dirimir qualquer dúvida sobre as origens judaicas de Narvais cumpre observar que ele forneceu enfeites para a sinagoga e seus inventariantes se chamavam Abraham David Gabay e Mordecay DeSilva, indubitavelmente judeus.

---

<sup>47</sup> Os judeus foram beneficiados pela política de tolerância de Oliver Cromwell.

Isaac De Lossa era riquíssimo. Seu inventário, já mencionado nesta tese, montava em mais de nove mil libras, sendo o dobro do de Henry Morgan que vem em segundo lugar. Ele possuía pouquíssimos móveis, não possuía artigos luxuosos e o dinheiro encontrado em sua casa totalizava 2.743 libras distribuídas em dezessete sacos. A presença das moedas separadas em sacos de lona sugere que já estavam separadas para serem emprestadas. Ademais, do inventário constam créditos sobre diversas pessoas da ilha, que não são mencionadas. De Lossa, certamente, deveria viver como prestamista. Seus inventariantes foram Menjah Perrera e Jacob DeLeon.

Moses De Lucena também era rico. O inventário soma 2522 libras. Tal como De Lossa, possuía poucos móveis. Todavia ele parecia comerciar ativamente fora da Jamaica. Foram encontradas mercadorias prontas para serem despachadas para Nova York, no valor de 70 libras e para Londres, no valor de 200 libras. Ele possuía ainda 154 libras em moedas sonantes e mais 15 libras e 10 shillings descritos como “*monys at cracao*”. De Lucena possuía ainda 45 libras em artigos com Abraham Olsons. Seus inventariantes foram Abrahan Denlis e Dan Nohurr. Os dois prenomes dos inventariantes são tipicamente judeus. Por fim Isaac Narvais dispunha de um patrimônio de 2.378 libras. Possuía artigos de todo tipo que talvez fossem destinados ao comércio. Não foram encontradas moedas quando de seu falecimento em 1687, porém sua relação de devedores era colossal. Narvais talvez seja o maior credor de Port Royal se considerarmos o número de devedores. Um total de setenta e nove pessoas deviam dinheiro para ele dentre os quais escravos ou ex-escravos como Roger the negro man, Rose the negro e Aniboche the negro. É certo que a maior parte desses empréstimos se fizesse em moedas. Narvais, muito mais do que seus companheiros de raça, era prestamista por excelência. Quanto a seus inventariantes, não causa surpresa encontrar nomes como Abraham David Gabay e Mordecay DeSilva.

Os judeus em Port Royal parecem ter constituído uma comunidade fechada, que praticavam um forte apoio mútuo, dedicada ao comércio e ao empréstimo de dinheiro a juros. Como já foi explicitado, eles produziram apenas três inventários para o período referido mas as moedas se concentravam neles fortemente. Seja nas moedas já distribuídas em dezessete sacos de De Lossa, prontos para serem emprestados, seja no amplo rol de pessoas que deviam dinheiro a Narvais, que incluía até pessoas das camadas mais baixas da população, foi afinal

entre os comerciantes judeus que pude encontrar o grosso do dinheiro sonante na Jamaica de fins do século XVII.<sup>48</sup>

Existe um inventário de um funcionário público inglês no conjunto de Port Royal. Andrew Burne, descrito em seu inventário como *clerk* (escrivão), possuía aqueles artigos típicos que guarneciam uma casa de classe média inglesa daquela época: móveis de madeira, candelabros, uma caixa de remédios e medicamentos, etc. De um patrimônio de 156 libras ele possuía 49 em moedas. O interessante é que o inventário de Burne é daqueles raros que apresenta alguma descrição das moedas. No inventário está escrito que havia moedas espanholas de ouro além de moedas inglesas: “*Gold Span and English coyne*”.<sup>49</sup> O funcionário público possuía moedas espanholas de ouro, provavelmente usadas como “reserva”, que coexistiam com moedas inglesas de menor valor que seriam usadas como reserva e para compras. Em uma pequena caixa de prata em sua casa também foram encontradas 10 shillings e 11 pennies em moedas miúdas. É provável que também fosse dinheiro inglês, pelo menos a maior parte. Afirmo isso baseado no fato de que a maioria das moedas espanholas comumente utilizadas eram as grandes peças de oito reales (Doty, 1978: 161).<sup>50</sup> Fosse qual fosse a proporção das moedas, Burne parecia ter um bom acesso a elas através de seu salário pago pelo governo.<sup>51</sup>

Outro inventário sugestivo é o pertencente a Abraham Oorschott. Imagino que ele fosse holandês, já que Oorschott é um sobrenome daquele país. Além disso, ele é designado, tanto no inventário quanto no testamento, como *cabinet maker*, ou seja, carpinteiro. Pelo que se pode depreender de seu testamento, ele era um carpinteiro consciencioso e dedicado.<sup>52</sup> Oorschott possuía poucos bens, o que chama mais a atenção são as mesas aonde ele provavelmente trabalhava (sobre uma delas estavam depositados mesmo os desenhos de trabalhos que ele iria fazer). Havia também muita madeira de reserva para futuros trabalhos.

Oorschott possuía nada mais nada menos que cinquenta e seis pistolas de ouro. Além dessas moedas ele tinha dezesseis libras em moedas de prata não especificadas. Em seu

---

<sup>48</sup> Obviamente não existe aqui nenhuma tentativa de caracterizar membros da religião judaica como ricos vampiros monetários. Só para equilibrar a situação basta comparar às ricas e cultas comunidades judaicas do Novo Mundo, as pobres e perseguidas comunidades de judeus da Polônia e Rússia da mesma época.

<sup>49</sup> Disponível em <http://nautarch.tamu.edu/portroyal/archives/Inventories/Vol3/3-10.htm> Acesso em 05/04/2007.

<sup>50</sup> Richard Doty. *Op. Cit.* P. 161

<sup>51</sup> Lembremos, a Jamaica era a colônia inglesa mais rica do Novo Mundo. Os salários ali, deveriam ser pagos com mais regularidade que na Inglaterra.

<sup>52</sup> No testamento ele se refere com cuidado às ferramentas e afirma que ensinou a “*art or mystery of a cabinet maker*” a seu aprendiz. Sobre a influência do calvinismo, no caso o escocês, nas atitudes financeiras no Novo Mundo ver: James G. Leyburn. *The Scotch-Irish. A Social History.* The University of North Carolina Press, 1962.

quintal foram encontradas entre as madeiras mais duas moedas definidas como “2 *cash*” e que valiam dez shillings. Essas moedas certamente eram inglesas.

Pode parecer curioso à primeira vista que um carpinteiro relativamente pobre pudesse acumular tanto dinheiro. Todavia acredito que uma possível explicação resida na religião de Oorschott.

Em nenhum momento ele declara qual ela pode ser, mas me inclino seriamente em acreditar que ele era calvinista. Digo isso baseado nos seguintes fatos: a maior parte da população holandesa era calvinista e os imigrantes daquele país eram principalmente calvinistas. Para além disso, em seu curto testamento de apenas 24 linhas, surge uma frase reveladora, de cunho tipicamente calvinista: “*chattles & debts as it hath pleased God far above my deserts to bestow upon me*”. Nessa frase Abraham Oorschott expressa seu desejo de que seus pequenos débitos e o montante de dinheiro que conseguiu acumular agrade mais a Deus do que suas faltas.<sup>53</sup>

Para os calvinistas, Deus concedia a salvação apenas para seus eleitos. A pessoa não sabia seu destino, apenas poderia obter indícios de se seria salva ou não. Uma das maneiras de se saber se a graça havia sido obtida era o montante de bens que a pessoa havia acumulado.<sup>54</sup> Se for assim, o considerável montante de moedas de Oorschott foi construído como uma espécie de salvaguarda psicológica. Ademais, no inventário, as pistolas de ouro foram relacionadas à parte. Ainda, as moedas são relacionadas como exatas 56 pistolas de ouro que valiam exatas 56 libras, não havia moedas de valor fracionário. Trata-se de um conjunto homogêneo, que dá a impressão de ter sido acumulado com extremo cuidado. O inventário nos transmite uma impressão de que as moedas de ouro ficavam à parte, guardadas em um lugar distinto. Existe um claro indicativo de que, no caso específico de Oorschott, suas moedas fossem uma garantia, não concernente ao mundo material, àquela Jamaica da segunda metade do século XVII, mas a sua alma imortal.

### **O dinheiro de Port Royal e o dinheiro do Brasil**

Na cidade do Caribe, com sua população fortemente norte européia e com suas casas de telhados triangulares e janelas estreitas, havia detalhes e procedimentos que não se repetiam no Brasil. O primeiro deles se referia às moedas residuais. Na Jamaica, obviamente,

---

<sup>53</sup> No caso desta frase, a palavra *desert* é traduzida como deserção ou abandono do dever.

<sup>54</sup> Para o comportamento dos calvinistas do período, por todo império colonial holandês, ver *A Aliança* de James Michener.



figuravam as moedas inglesas. Libras, shillings, pennys, florins e coroas não eram vistas na colônia do Brasil. No caso brasileiro surgiam tostões, vinténs, cruzados e meios cruzados atuavam. O componente comum entre as duas colônias era o enorme conjunto de moedas espanholas que imperava no dia a dia.

Nas duas colônias havia uma tendência geral de saída do numerário. Mais do que uma política deliberada por parte de suas metrópoles, a constante saída de moedas era uma conseqüência de uma situação econômica mundial que atraía as moedas para a Ásia (Cf. Braudel, 1995: 411-418). Mesmo as metrópoles, que tinham maior poder de manobra, não podiam escapar a essa lógica inexorável.

Todavia, tanto na Jamaica quanto no Brasil o dinheiro era captado através de contrabando. Os marinheiros das duas colônias foram rápidos em perceber as oportunidades que as colônias espanholas, ricas em numerário e com dificuldades burocráticas para importar, ofereciam. Se o início da captação monetária nas duas colônias obedeceu ao mesmo fator, o fim dela foi motivado por fatores distintos. No caso da Jamaica se deveu ao *boom* do açúcar que, sendo mais lucrativo, desviou para si tanto mão de obra quanto recursos. O cataclismo de 1692 também pode ter sido um fator na medida em que destruiu a cidade que era o ponto principal do contrabando, matando muitas das pessoas envolvidas no tráfico e desorganizando este. Quanto ao Brasil, um dos fatores da diminuição do tráfico parece ter sido o rompimento entre Portugal e Espanha, ocorrido em 1640 e a conseqüente guerra entre os dois países.

Tanto no Brasil como na Jamaica, não havia uma instituição bancárias complexas tal como concebemos em nossos dias. No Brasil, as Santas Casas de Misericórdia exerciam muito dessa função. Na Jamaica não pudemos encontrar nenhuma instituição que exercesse atividades de investimento e empréstimo, mas indivíduos privados, especialmente os prestamistas judeus, emprestavam dinheiro a juros. Será que no Brasil os cristãos novos desempenhariam essa atividade? Não pude encontrar nenhum indício claro. As perseguições dirigidas a eles parecem se originar mais de preconceitos religiosos e sociais ao invés de econômicos.

Com a exceção desses investidores judeus, o dinheiro em Port Royal não pareceu se concentrar em nenhuma classe específica. Mesmo atividades que pareciam grandes agregadoras de moedas, a princípio, se revelaram decepcionantes, como proprietários de tavernas e capitães da marinha mercante que faziam contrabando. Quanto a funcionários públicos (que eram pagos pelo governo, portanto) há que lembrar seu número extremamente

reduzido naquela época. Talvez devido a isso, só pude encontrar um exemplo. Com a exceção de indivíduos obstinados portanto, dos quais Abraham Oorschott é um exemplo, a posse de moedas pelas pessoas parece ter dependido mais das circunstâncias e do acaso.

Ambas colônias eram dependentes de fontes externas para o abastecimento monetário. Nos dois casos a fonte principal eram as colônias espanholas produtoras de metais, Bolívia e Peru. No caso da Jamaica, o México certamente era também um grande fornecedor, com os marinheiros de Port Royal freqüentando a Península de Iucatán.

Port Royal, tal como as cidades brasileiras que mais tinham acesso ao numerário espanhol, Rio, Recife e Salvador, eram centros comerciais relativamente grandes. Todas essas cidades eram exportadoras de produtos primários, basicamente açúcar. Tanto no Brasil quanto na Jamaica houve um grande esforço para desviar o rio argênteo que saía das colônias espanholas.

Em Port Royal as moedas parecem ter se concentrado mais nas mãos dos comerciantes e prestamistas judeus. Sabemos que no Brasil também havia prestamistas, mas eles não parecem ter pertencido a nenhum estamento social específico.

## Referências Bibliográficas

- AMANDRY, Michel. *Dictionnaire de Numismatique*. Paris: Larrouse, 2001. 628p.
- BRAUDEL, Fernand. *As Estruturas do Cotidiano*. São Paulo: Martins Fontes, 1995. 541p.
- BRUCE, George. *Harbottle's Dictionary of Battles*. London: Granada, 1979. 303p.
- CRIBB, Joe. *The Coin Atlas*. London: MacDonal Illustrated, 1990. 337p.
- DOTY, Richard. *Money of The World*. New York: Grosset&Dunlap, 1978. 240p.
- ELSEN, Jean. *Catalogue*. Bruxelles: Jean Elsen et ses Filles, 2004. 84p.
- FRASER, Antonia. *Cromwell. Uma Vida*. Tradução de Marcos Aarão Reis. Rio de Janeiro: Record, 2000. 738p.
- FURTADO, Celso. *Formação Econômica do Brasil*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1991. 248p.
- KENNEDY, Paul. *Ascensão e Queda das Grandes Potências*. Rio de Janeiro: Campus, 1989. 675p.
- LAVERY, Brian. *Ships*. London: The National Maritime Museum, 2004. 400p.
- JAMES G. Leyburn.
- LEYBURN, James G. *The Scotch-Irish. A Social History*. The University of North Carolina Press, 1962. 377p.
- LINK, Marion Clayton. Exploring the Drowned City of Port Royal. In: *The National Geographic Magazine*. Washington. Vol. 117, nº 2. February. pp. 151-185. 1960.
- MCLEOD, Murdo J. A Espanha e a América. O Comércio Atlântico 1492-1720. In: *América Latina Colonial*. Tradução Maria Clara Cescato. 2 ed. Leslie Bethell, Org. Brasília: FUNAG, 1998. p. 339-390.
- MICHENER, James. *A Aliança*. Primeira edição. São Paulo: Editora Record, 1989. 1020p.
- PIETZSCHKE, Fritz. *Novo Michaelis*. São Paulo: Melhoramentos, 1974. 856p.
- REICH, Jerome R. *Colonial America*. Fourth edition. New Jersey: Prentice Hall, 1998. 326 p.
- SCHÖN, Günter. *World Coin Catalogue*. London: Seaby, 1987. 1023p.
- STEINBECK, John. *Berço de Ouro*. Rio de Janeiro: Editora Record, s/d. 225p.
- TINDALL George B. SHI David E. *America*. Second Edition. New York: Norton & Company, 1989. 952p.
- WILLIAMS, Eric. *From Columbus to Castro. The History of Caribbean. 1492-1969*. Norfolk: André Deutsche, 1970. 167p.

ZAHEDIEH, Nuala. The Merchants of Port Royal, Jamaica, and the Spanish Contraband Trade, 1655-1692. In: *The William and Mary Quarterly*. Williamsburg. 3<sup>rd</sup> Ser., Vol. 43, n<sup>o</sup>4. October. pp 570-593. 1986.

\*Artigo recebido em março de 2008. Aprovado em agosto de 2008.